

Mountain ^{voices}

Informe Brasileiro de Montanhismo e Escalada | Ano XXVIII | #166 | mar/abr 2019



ARENALES
ARGENTINA

SERRA DO
ESPINHAÇO

PARAGLIDER NO
PICO DA NEBLINA

ESCALADA

MONTANHISMO

ESPECIAL

20

ANOS



DUAS UNIDADES • DIVERSAS ATIVIDADES • UMA MENSALIDADE

Perdizes
Rua Venâncio Aires, 31
tel. 11 3879-6800

CASA DE PEDRA

Moema
Al. dos Guaramomis, 256
tel. 11 4563-2903

Pensando sobre a dor

Como sempre, recolho versos, textos, ultimamente menos, com estas facilidades digitais, mas sempre de última hora, preparo um manuscrito para a coluna, por vezes com a emoção de um acontecimento ou um caso lido, uma tristeza, mas geralmente uma alegria, uma lição. Sempre penso no aprender, no emocionar, no vibrar, mas bem diferente agora, gostaria de admitir e conversar sobre DOR.

Alessandra Arriada

Comecei a semana com uma lesão na cervical séria, acordava no meio da madrugada sentindo como se uma pinça alcançasse cada terminação nervosa desde o cérebro até o meu pensamento, e cansei de lutar o dia inteiro para parecer bem ou estar feliz. Cansei de olhar a televisão com o país virado do avesso e fingir otimismo, assim como por vezes cansa dar bom dia a todo mundo e muito menos olhar o porteiro. Cansei de estar calma, grata, justa ou adulta. Dor de não ter atenção. Dor de perder alguém. Dor de uma lesão. De um emprego mal sucedido. De um plano indo por água abaixo. De uma viagem perdida. De um amor não correspondido. De uma injustiça. De uma batida no quina da porta. De uma grosseria. De uma dívida. De uma dívida. Dor. Somos maravilhosos sempre? Dor de perder amigos na montanha. De não ter resgate, de não ser o certo. Dor de o certo não ser o que queremos. Dor de doença. Dor de dor. Dor de quem desapareceu. Do pai que não apareceu. Dor que teimamos em dizer que não é dor, porque não podemos, não é assim o politicamente justo, o das mídias, das redes, dos amigos, da família. Agora

mesmo, escrevendo estas linhas, acabou a luz. Está 40 graus. Está de noite. Tem mosquitos. Dor de não dormir esta noite, certamente. Com dor na cervical ainda. A Monja Coen uma vez contou de um episódio que sentiu raiva: tirava xerox atentamente por horas, e o chefe abriu a porta, veio o vento, e com ele, todo o seu trabalho do dia todo. Ao perceber sua ira, em seguida percebeu a inutilidade desse sentimento, e riu. Mas demora. Mais do que isso, e muito importante: além de demorar, negar não adianta. Negar nosso sentimento negativo, nosso desconforto, nossa brabeza, colocar debaixo do tapete e assumir com o ego como somos imortais, bondosos e imaculados. Somos humanos, tristes, rabugentos, reclamões, injustos, infantis, somos sim. Pior se fôssemos insensíveis. Se víssemos a lama devastar famílias e não nos entristecêssemos. Se não sentíssemos falta das coisas que amamos, se nos acomodássemos como as coisas são. Se passasse incólume o choro de uma mãe, a morte brutal de um animal, se não nos despertasse um fogo interno incontrolável, mal educado, briguento. A dor pode nos mover, nos inspirar, nos en-

sinar. Ela pode ser um motor indignado para algo que queremos, nem que seja de birra, de teimosia. Mas que dói, dói, que chateia, chateia. Mas somente aprende quem consegue identificar esse sentimento e consegue se entender, se perdoar, e se acolher, compreendendo para transformar toda a ira em aprendizado mesmo, em ação e não reação desmedida. Consegue se entender e canalizar para um não barraco, mas sim para uma conversa diplomática, poesia chorosa ou afastamento. Ou mais ainda: aceitar simples e pacificamente, meu, as vezes as coisas não vão dar certo para você, pronto, engole o choro, segue o baile e vamos em frente, não é seu dia, camarada. Quer um consolo para melhorar a sua dor? Mesmo que ela pareça horrível, insuportável, injusta, chata pra cacete, notem, mesmo o palavreado de alguém com dor muda, a sua dor não é única. Sim, mesmo imaginando o contrário, não somos o umbigo do mundo. Sendo assim, se a gente olhar para o lado, com certeza e , haverá de se observar dor maior. Eu não estou dizendo que a sua dor é pequena. Longe de mim. Mas sempre, sempre, haverá alguém numa situação ini-

maginável, infelizmente. Nem cabe listar, nem cabe medir, mas, se a gente for forte e manter a mente firme, a gente consegue fazer a nossa dor menor e consegue olhar a dor do outro. Mas volto, compaixão também significa olhar pra gente com amor, então, neste momento, pode xingar a vontade, podemos voltar para a sua dor. Esqueça as sem fim de mensagens positivas da sua timeline insistindo para você sorrir a todo custo hoje e admita rindo de si mesmo ou chorando, como a sua dor nas costas está insuportável, como seu colega de trabalho às vezes pega pesado, como alguém furando a fila te tira do sério, como esperar por alguém é desagradável, como criança berrando não tem como ou ser xingado no trânsito é pior ainda. Com um tempo maior, se permita sentir a dor de se despedir, a dor de não ter, ou não ser, ou não estar. Por último, respire bem fundo, conte até dez e...esqueça. Terão outras dores, outros sabores, e assim somos todos. Há de ser outro dia. Há de ter coisas boas. Há de vir o sol. Há de voltar a luz. Ou não? Boas escaladas a todos.

Solo Outdoor & Travel

LANÇAMENTO

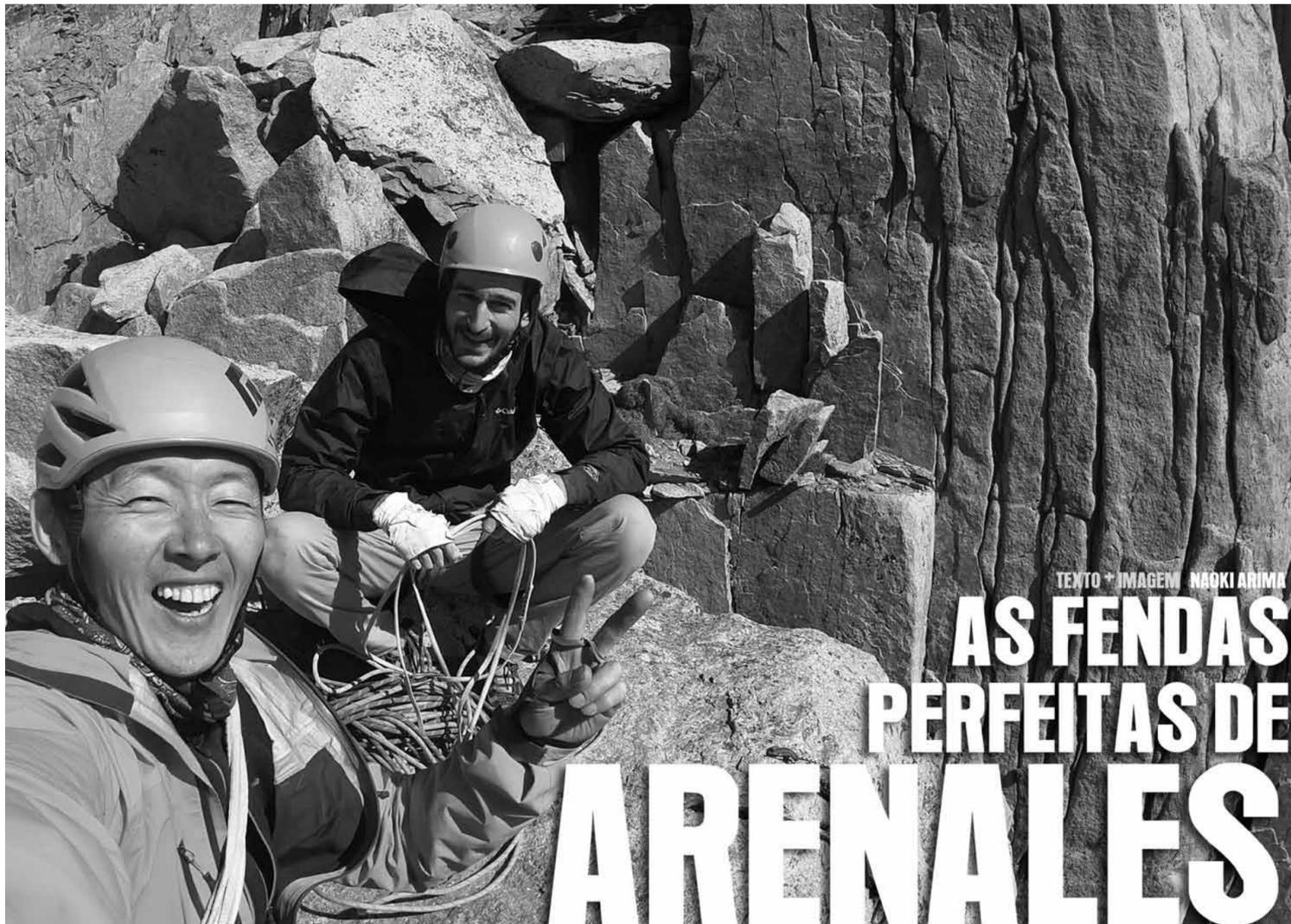
LINHA VERSATILE

JAQUETAS CORTA-VENTO
RESISTENTES À ÁGUA

www.solo.ind.br



www.mountinvoices.com.br



Pela janela do escritório olho para fora e vejo o céu ensolarado. Mais abaixo, algumas crianças brincam na piscina do condomínio e penso: como eu queria estar na montanha. Um bipe no computador avisa que o processamento acabou e volto à realidade.

Os meus pés tremem compulsivamente numa pequena parada desconfortável no meio da parede. Olho para cima e vejo o céu ensolarado, mas eu estou bem na sombra da montanha, tremendo de frio. Acima de mim, vejo o Rodrigo lutando para vencer o frio e superar mais uma cordada da via.

Enquanto ele vai sumindo no “horizonte vertical”, penso comigo: que saudade do conforto do escritório. Subitamente o meu pensamento é interrompido com um grito avisando que era hora de eu escalar e começo a me mover lentamente. Escalada é um esporte estranho, sempre queremos estar na montanha, mas uma vez lá, o que mais desejamos é sair logo dali o quanto antes e, às vezes, nunca mais volta-la novamente. Mas nós sempre voltamos!

Em 2016 fui com o escalador Sandro Souza para Arenales na Argentina e escalamos, entre várias montanhas da região a Agulha Carlos Daniel. Naquela ocasião entramos numa via na face Sul com roupa inadequada e passamos um frio danado. E agora, dois anos depois, em 2018, lá estava eu novamente na mesma agulha, mas dessa vez com o Rodrigo batendo

queixo numa outra via...

Nunca desejei não voltar a Arenales, muito pelo contrário, sai de lá a primeira vez, apesar das intempéries, com a certeza de que um dia iria voltar novamente. Afinal de conta, como já dizia o Yagua: “Arenales es un lugar mágico!”

Na primeira vez que ele falou isso achei que fosse uma frase poética, mas logo descobri que não era poesia. Arenales não tem o melhor granito do mundo, as escaladas são Ok, mas o lugar tem uma energia incrível. É algo difícil de explicar. Só vivenciando algum tempo no vale para compreender aquela simples frase do Yagua.

De fato, o meu retorno ao “cajón” não foi só pela escalada, mas pela magia do lugar. Talvez, essa coisa de chegar nos “enta” estivesse mexendo comigo e estava precisando de um “momento espiritual nas montanhas”

para organizar as ideias, e por isso quis volta-la. Naturalmente, ainda tinha algumas “ambições verticais” em mente. Queria escalar mais algumas vias clássicas que ficaram de fora da última vez, pois na primeira ida tivemos pouco tempo (10 dias) e agora com quase 3 semanas disponíveis, seria uma boa oportunidade para se isolar um pouco desse mundo louco e entrar num outro mundo mais louco ainda.

Gosto de ir aos picos de escalada no início ou final da temporada, quando há menos pessoas na montanha. Em 2016, fomos no início de dezembro visando isso, mas tivemos o “azar” de encontrar muita gente na montanha. Dessa vez, resolvemos ir na mesma época apostando na mesma ficha. Bingo! Dessa vez Arenales estava mais vazio. É claro que isso tem um preço: o clima. O início

e o final da temporada costumam ter um clima mais instável e em Arenales não difere muito de outros locais.

Primeira nevasca

Chegamos na capital da província de Mendoza no dia 25 de novembro e após uma rápida passagem pela cidade para comprar alguns mantimentos rumamos ao sul em direção ao “cajón”. Na primeira semana, o clima estava bastante instável com muita nebulosidade e frio. Ainda assim conseguimos escalar nos primeiros dias as vias *Patricia 6a+*, *Carlos Daniel 6a* e *Mejor no hablar de ciertas cosas 6b*. A via *Patricia* já tinha escalado em 2016, mas é uma via tão boa e tranquila que vale a pena ser repetida sempre. Já para o Rodrigo foi uma excelente introdução ao “estilo Arenales de escalada”. O Rodrigo é um escalador capixa-

ba que aprendeu a escalar no Rio de Janeiro e no ano passado foi comigo para Indian Creek, onde fizemos um intensívão de escalada em fenda. É um daqueles caras que se passar a ponta da corda, ela não vai voltar. Depois repetimos a via *Carlos Daniel* na agulha homônima. Em 2016 achei que tivesse repetido essa via, mas descobri que vi errado o croqui e Sandro e eu escalamos uma outra via chamada *Regreso sin gloria 6b+*. A minha primeira guiada em Arenales foi num 6b+, para aprender a ler direito o croqui! Já a terceira escalada foi na clássica *Mejor no hablar de ciertas cosas 6b* pela variante *Chipi Chipi bon bon* na Agulha Cohete.

Para mim, essa é a melhor via de Arenales, disparada! Via longa, 500m, muitas enfiadas e fendas perfeitas fazem desse escalada um “must to do”. Assim como em 2016, escalamos à francesa as primeiras 4 enfiadas. Depois, alternamos as fendas perfeitas e no final voltamos a escalar em simultâneo as últimas duas enfiadas para ganhar tempo, pois ao fundo estava claro que o tempo iria virar rapidamente. Assim que chegamos no final da via fomos surpreendidos por uma nevasca com muito vento e tivemos que baixar às pressas.

No dia seguinte, a área do refúgio amanheceu totalmente branca de neve e tivemos que fazer um descanso forçado. Após um dia merecido de descanso fomos à Agulha Carlito para escalar a via *Panflaque 6b+*, mas logo descobrimos que a fenda estava totalmente molhada por dentro. Mesmo assim, insistimos e terminamos escalada sob condições bem difíceis.

O susto

No dia seguinte forçamos uma subida até o grupo Campanille na esperança de encontrar a via *Panqueques* na Agulha Charles Webis seca, mas infelizmente ainda vertia água das fendas e fomos obrigados a baixar, sem antes deixar os equipamentos escondidos num abrigo. Neste dia, além nós, um escalador de Neuquén, uma menina de Mendoza e uma escaladora austríaca subiram conosco. O trio estava querendo fazer a famosa variante Armonica no Campanille. Nos instantes finais que vimos o trio ficou claro que eles estavam se movendo muito devagar na trilha. Por volta das 15h nós baixamos para o refúgio por causa da virada repentina no clima. No meio da tarde, a temperatura despencou e começou a trovejar na região. Assim que pisamos no refúgio começou a chover e nada do trio descer. Esperamos até às 20h30 e nada de ver as lanternas na trilha. A essa altura, já estava bem escuro, frio e chovendo. Para nós ficou muito desconfortável ir para o saco de dormir sabendo que 3 pessoas ainda não tinham descido. Como estávamos apenas nós dois no refúgio, às 21h resolvemos fazer alguma coisa e ficou decidido que eu desceria até o posto da polícia para avisar o ocorrido enquanto o Rodrigo esperaria no refúgio por alguma novidade. Desci até o posto na chuva e contei o que estava acontecendo aos guardas. Ficou decidido que eles iriam monitorar a situa-

ção e se até a manhã do dia seguinte não aparecessem, uma equipe iria atrás do trio. Por sorte, por volta das 23h00 conseguimos ver 3 lanternas no alto da trilha e pudemos respirar aliviados. Depois, o trio contou que a escalada transcorreu sem problemas e que apenas demoraram mais do que o esperado.

No fim, tive a impressão de que nós estávamos mais preocupados do que eles. Afinal de conta, no início do mês, aconteceu um acidente fatal na região com um casal de escaladores durante a descida quando a estação de rapel em um bico de pedra se desfez.

Mendoza

Assim que retornamos ao refúgio, descobrimos que uma frente fria de grandes proporções estava entrando na região com previsão de neve e chuva para os próximos dias. Assim, resolvemos baixar para Manzano para descansar um pouco. Logo pensamos, mas se vamos até Manzano, por que não ir até Tunuyán que é logo ali? Uma vez em Tunuyán, pensamos: Mendoza fica a 1h dali! Assim, acabamos baixando até a cidade de Mendoza!

Já em Mendoza acabamos encontrando a Rê (Leite) que escalou conosco até o final da nossa estadia. Ela tinha chegado de Sampa uns dias antes e estava na cidade tentando resolver um problema básico de bagagem: reaver as malas que foram extraviadas! Na primeira semana, a outra Rê, a Terzi, também teve problemas com a bagagem. No caso dela, cortaram o plástico que envolvia a mochila e sumiram com a barraca... Preju total... Parabéns LATAM!

Ah, aqui cabe contar mais um caso! No dia que resolvemos descer para Manzano, combinamos por “telefone sem fio” com o Yagua de que ele nos pegaria na ponte às 7h do dia seguinte. Na manhã do dia combinado, chegamos às 6h45 ao local combinado e nada dele. Resolvemos ir caminhando, pois estava muito frio para ficar esperando em pé, fomos descendo devagarzinho e nada do Yagua. Chegamos no posto policial, esperamos mais um pouco e nada. Pensamos, vamos descendo devagarinho, já já ele nos encontra! Por volta das 8h após 1h de caminhada, a ficha caiu e ficou claro que ele não viria nos buscar naquele dia. Descemos 13km, 1400m de desnível a pé até Manzano em quase 3h de caminhada. O Rodrigo, achando que seria uma caminhada de 15 minutos, desceu de chinelo, pois o tênis dele tinha molhado na noite anterior. Coitado, baixou 13km de chinelo com uma cargueira nas costas... Que roubada...

Retorno pós nevasca

Malas encontradas, nevasca passada, alimentados e reabastecidos voltamos ao vale no dia 6 de dezembro. A segunda parte em Arenales foi incrível, o tempo melhorou drasticamente e o refúgio estava mais vazio ainda. No nosso primeiro dia de escalada após o retorno, o Rodrigo teve a “incrível” ideia de fazer umas

esportivas num setor chamado Tetón. Como nas partes altas ainda estava com neve era uma escolha sensata, mas o que nós não sabíamos era que a caminhada até esse setor seria de matar. Pegamos um “caminho alternativo” e levamos mais de duas horas para chegar nesse setor. Ou seja, no final das contas, passamos mais tempo caminhando do que escalando.

No dia seguinte, Rodrigo e eu subimos até a Agulha Charles Webis para repetir um clássico dessa agulha, a *Panqueque 6b*, aquela que tava molhada na primeira vez. A escalada em si não foi tão dura quanto esperávamos, mas a incerteza da linha da via e da pedra que estava molhada em vários trechos deixaram a escalada um pouco mais angustiante.

No terceiro dia de escalada, enquanto o Rodrigo tirava um dia de descanso, voltei novamente à Agulha Carlos Daniel com a Rê para escalar a via *Deja ya de joder 6a*, dessa vez pela face nordeste que fica mais tempo exposto ao Sol! Ufa!

Originalmente a ideia era escalar direito todos os dias até o final da viagem (7 on 0 off), mas ficou claro que eu já não era mais um jovem e no 4º dia fui obrigado a tirar um dia de descanso para cuidar um pouco de mim. Aproveitei o dia também para dar um trato no refúgio. Vale lembrar que o refúgio é gratuito e funciona graças ao trabalho voluntário da galera. Por isso, sempre que possível, é importante doar um pouco de esforço para fazer a manutenção do local. Nesse dia, por exemplo, aproveitei para limpar as mesas, varrer o chão, consertar a porta “automática” e ainda trocar o tacho

que merda do banheiro que estava pela metade. Outra forma importante de ajudar o refúgio e a escalada na região é através de doação financeira para Fundación Piedra Libre que trabalha em prol da escalada na região. Já para o primeiro dia de escalada após o descanso, Rodrigo e eu fomos escalar a cereja do bolo da trip, a via *Escorpion 6b+* na Agulha Charles Webis. Tirando a primeira enfiada que é mais exigente o resto foi puro desfrute, com destaque para 4a enfiada que transcorreu por um extenso sistema de fenda mão! De fato, essa via é um clássico de Arenales que vale a entrada.

De cabeça feita, no dia seguinte ainda fui com a Rê, o Sebastián e um Peruano louco para um setor chamado Placas Blancas. Esse setor sempre chamou a minha atenção desde a primeira vez, principalmente por causa de uma parede com um sistema de fendas de uns 40m que destoa um pouco das paredes adjacentes. De fato a via, sem nome, é muito estética transcorrendo de uma fenda à outra até uma parada em bico de pedra.

Nos dias subsequentes, um misto de cansaço acumulado, enxaqueca e oti-te me tiraram do jogo e fui obrigado a encerrar as atividades um dia antes do esperado para cuidar da saúde. Infelizmente, o Rodrigo também deu um mal jeito na coluna acabou me acompanhando no descanso forçado.

A trip não acabou em grande estilo, mas foi bem proveitoso. Vias velhas, vias novas e novos amigos foram a tônica desta trip. Mais uma vez sai de lá com a certeza de que ainda volta-rei. Quem sabe em 2020?

Mais que uma loja de equipamentos outdoor



NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído
Assistência personalizada
Suporte técnico
As melhores marcas



e-commerce: www.bivak.com.br

11 2308 6995
Rua Caramuru, 523
Metrô Praça da Árvore, São Paulo

O ABOMINÁVEL INCREDIBLE HULK

Texto + Imagens Ana Fujita



O meu primeiro encontro com o Hulk não foi. Em 2017, depois de ver uma foto do galã de granito da Califórnia, peguei mochila, cadeirinha, corda e mais uma ou outra coisa – como o Eliseu, o maridón – e fui para um date. Só que o monstro deu um bolo memorável: viajamos de São Francisco até o vale de Yosemite, que foi nossa primeira parada. Logo apareceu o frio e 24h de nevasca. Deixamos o vale congelante para trás, subimos a serra e descemos em direção Bridgeport, na esperança de que um sol tropical estivesse escondido atrás das montanhas. Obviamente não rolou, estava tudo coberto de neve e a trilha inacessível acabou com a nossa última esperança.

Mas a paixão se manteve, ainda mais com descrições fantásticas na web, de pessoas que estiveram com no Hulk contando de momentos memoráveis, granito perfeito, formas excepcionais, fotos lindas e tudo o mais que alimenta o desejo de voltar. Não imaginava que seria tão breve, logo em 2018, quando o Rogério Jorge decidiu ir com o Eliseu. Bem conhecendo as coisas da vida, sabia que ou eu agarrava essa oportunidade ou deixava para outra encarnação. Partimos de Guarulhos no final de agosto, e fizemos o mesmo caminho, mas dessa vez sem neve. Em Bridgeport paramos na estação dos guarda-parques, recebemos algumas informações, e confirmamos que não precisa de licença para o Hulk. A partir de Bridgeport, dirigimoa mais meia hora até o final da estrada que dá acesso a Twin Lakes, uma vila com casas de veraneio e um camping à beira do belo lago. Lá existe um restaurante pequeno com alguns pratos e cervejas, mas não tem armazém ou supermercado de respeito. Sabendo disso, levamos comida suficiente para sobreviver a uma era glacial inteira. Pode-se deixar o carro no camping mediante pagamento de uma taxa de estacionamento, mas preferimos pagar a diária de um lugar para acampar e usufruir um local seguro para guardar nossa comida – seguro contra ursos - além de poder desfrutar da estrutura de banheiros e chuveiros.

Crux imaginário

A trilha era o crux, até onde eu soubesse. Na real, eu estava preocupada com a trilha: eram 11km de um caminho em subida, não muito bem sinalizado pelos relatos que lemos, com mochila pesada sendo carregada por uma escaladora não muito treinada. Tive pesadelos nos meses anteriores com a trilha. Enfim, não era possível chegar ao bonitão sem pagar esse pedágio. Arrumamos as coisas e fomos para essa etapa, que era quase uma sentença de sofrimento eterno na minha imaginação. Mas, eu deveria saber que imaginação pode ser a maior vilã da vida de uma pessoa. A trilha foi médio longa, definitivamente em subida, não muito óbvia, mas linda e isenta de sofrimento. Havia fonte de água limpa e abundante ao longo do caminho, o que facilitava bem a situação. A última hora, andamos de frente para o Hulk, admirando as fendas, as arestas, os diedros, a cor clara do granito lim-

píssimo. Uma montanha linda mesmo. Chegamos no meio da tarde aos pés do formoso. Havia mais alguns escaladores na área: dois grupos indo embora, um casal que chegou quase conosco e uma dupla escalando a *Positive Vibrations*, com visível dificuldade. Depois de arrumar as barracas, sentamos até o anoitecer apreciando a vista e acompanhando a dupla que ficava cada vez mais enrolada, por fim decidiu rapelar de volta e aterrissou no solo já no escuro. O casal ao nosso lado encarou mais alguns (vários) minutos de caminhada e foi até o pé da *Red Dihedral* deixar a mochila com equipamentos de escalada no jeito para o dia seguinte. Tudo na paz, fui dormir super agitada e talvez um pouquinho fedida, feliz com a grande escalada que estava armada para o dia seguinte.

Acordamos as 05h00, antes do casal vizinho. Tomamos café com as primeiras luzes do dia e andamos até a base da via pretendida – a *Red Dihedral*. O nome da via obviamente é por conta de um diedro, a terceira enfiada, que fica mais ou menos no começo da via. Eu estava bastante incomodada com o frio e com o vento, mas reclamar é contra as regras da boa parceria. Botei aquele sorriso sincero SQN no rosto, abaixei a cabeça e fiquei concentrada em evitar qualquer brecha para o vento entrar por alguma roupa mal arrumada. Começamos Eliseu, Rogério e eu ainda bem cedo. O casal chegou na sequência, pegou a mochila e foi embora. Foi embora embora mesmo, pegou a barraca e desceu a trilha de volta a Twin Lakes. Gente doida, foi o que pensei.

A escalada começou devagar: éramos um grupo de 3 em lugar no qual não cabia fazer simultaneamente nenhum trecho, o frio dificultava a movimentação, havia muitas colocações para proteção, mas muitas também não pareciam ser tão de confiança assim. A minha esperança era de que quando o sol realmente brilhasse, a coisa se tornaria mais fluida. Chegamos na base abaixo da enfiada do diedro bem antes do meio dia, eu ainda tinha esperança de que a temperatura iria melhorar. O que poderia dar errado? Bom, eu poderia não conseguir escalar a via, e nesse caso eu teria que ir roubando nas costuras e pedindo ajuda para descansar na corda. Eu sabia que pode-

ria ficar passando frio mais algumas horas, mas o lugar era tão fantástico que valeria a pena ficar tremendo de forma incontrolável. Quase que a coisa ficou realmente feia, quando a base móvel que o Eliseu montou, deu um tranco pra baixo e ouvi um barulhinho de pedrinhas caindo no meu capacete. O primeiro segundo foi pro coração sair do peito, passar pela garganta, voar pela boca, bater na rocha, cair de volta no lugar e voltar a bater. O segundo subsequente, foi pra entender: o world famous granito perfeito do Hulk havia se desfeito em poeira quando pressionado por um cam. Depois dessa experiência de quase perder o coração ainda em vida, fiquei menos confiante no futuro. O diedro realmente é uma enfiada a se recordar: é longo e constante, os entalamentos deliciosos (sim, existe isso), a escalada prazerosa. Acaba em uma sequência de moves que eu não entendi na hora, e nem depois.

As próximas enfiadas, até a décima primeira, foram de angústia crescente em um cenário alucinante. Claramente o sol que brigava com o vento não iria nos esquentar nem um bocadinho, e estávamos correndo muito para tentar acabar antes do sol se por. A minha parcela de boa parceria se reduziu e passou a ser fazer tudo o mais rápido possível, não morrer e nem matar ninguém, mesmo que reclamando. O resto da elegância havia ficado uns metros para baixo. A décima primeira e décima segunda enfiadas foram de angústia desesperançosa em um cenário sem nada especial. Após haveremos passado pela aresta para a parte de trás do Hulk, estava mais frio, mais ventoso, a rocha congelante e com menos luz. Na última enfiada passamos por um buraco de rocha, um canal de parto desaconselhável para quem comeu muitos sandubias e tomou muitas cervejas em San Francisco. Esse nascimento deve se parecer muito com nascer de verdade: estávamos no topo do Hulk, mas em um ambiente extremamente hostil, não se enxergava direito, tudo doía e faltava muito para a coisa melhorar. Acho que por isso os bebês choram.

Nesse ponto começaria a parte mais dura da escalada: descer. A minha parcela de boa parceira se reduziu mais e quase desapareceu quando

eu passei a ter dificuldade de me movimentar. A parte boa foi que eu parei de reclamar também, só piscava. E eu sabia que a descida era bisonha. E eu estava me sentindo péssima por não poder ajudar, com uma grande chance de estar atrapalhando e causando desconforto para os companheiros. O Eliseu levou mais de uma hora entre idas e vindas para encontrar o caminho de descida, e fez diversos corrimões para que eu e o Rogério pudessemos seguir até a base de um rapel que levou a uma grota, tipo o porão da Sierra Nevada, um lugar medonho, onde devem morar todos os tipo de criaturas das sombras que a nossa imaginação cria ao longo da vida – o Lobisomem, Saci, Loira do banheiro, Corpo Seco e toda essa galera. Mais um rapel nos levou a outro desses ambientes maravilhosos. O vento, que trazia uma poeira espessa que dificultava a respiração, era tão forte que me jogou no chão algumas vezes, como em um atropelamento. Foram mais de duas horas andando nesse ambiente mal-assombrado até que pudessemos ver onde estavam nossas barracas, água, comida e calor.

No dia seguinte voltamos a Twin Lakes. Eu estava exausta da experiência de tremer por 20h ininterruptamente. Mais, estava arrasada pela violência com que o Hulk nos tratou e pela minha falta de capacidade em ajudar. O Eliseu voltou com uma laringite devido ao frio e inalar muita poeira, que levou 10 semanas e uma meia dúzia de caixas de remédios para melhorar – mais uma derrota, já que mesmo sendo médica, não fui capaz de diminuir o tempo que ele passou tossindo. Essa é famosa sensação de “tapa na cara”, um prestenção do mundo que coloca cada coisa no seu lugar: montanhas são montanhas. Nós, pessoas que temos esse tanto de imaginação, expectativas, limitações, fraquezas. Como a mesma via pode ser incrível para uns e lastimável para outros? E ser maravilhosa em um dia e medonha em outro?

Na memória: algumas imagens lindas do Incrível Hulk com uma tag “Subi aqui, não volto jamais”. E uma certeza de que o casal que foi embora antes de começar, olhou para nós e pensou: “Gente doida”.



www.mountaininvoies.com.br

TEXTO: LEANDRO ESTEVAM "MONTTOYA"

UM PARAPENTE NO TOPO DO BRASIL

A primeira decolagem de parapente e linha de slackline de altitude na montanha mais alta do Brasil aconteceram em janeiro de 2019! Conheça os detalhes dessa aventura e do programa Yaripo - Ecoturismo Yanomami, que pretende reabrir a visitaçao ao Pico na Neblina ainda em 2019.

O parque nacional do Pico da Neblina, que abriga a montanha mais alta do Brasil, em plena floresta amazônica, está fechado para visitaçao de turistas desde 2003. Uma tristeza para os montanhistas brasileiros e estrangeiros que desejam escalar o Pico da Neblina, com 2993m de altitude. Apenas expediçoes militares e científicas são permitidas.

Entretanto, o projeto Yaripo, Ecoturismo Yanomami pretende reabrir o parque ainda em 2019. Os Yanomami são os protagonistas da iniciativa que começou há mais de 7 anos e prevê que as expediçoes sejam formadas e guiadas pelos próprios Yanomami, gerando renda e visibilidade para a etnia. Os Yanomami conseguiram apoio da AYRCA, ICMBIO, FUNAI, ISA (Instituto Sócio Ambiental) e outras entidades. Receberam formação em ecoturismo e estão prontos para receber os visitantes. Para reabertura do parque, segundo eles, falta apenas uma portaria da FUNAI, que deve sair este ano.

O Pico da Neblina está bem pertinho da fronteira com a Venezuela, na Serra do Imeri, no seio da Floresta Amazônica, um pouco acima da linha do equador no estado do Amazonas.

A Serra do Imeri é um grande maciço formado por um de platô central circundado com uma coroa de picos mais altos. O Pico da Neblina com 2993m e o Pico 31 de Março, são os picos mais altos da serra. Os Yanomami vêm realizando expediçoes experimentais do projeto Yaripo e melhorando a infraestrutura para visitaçao. Como exemplo citamos a instalaçao de degraus de apoio nos pontos mais verticais da escalada já próximo ao cume e a instalaçao de uma antena de rádio que permite a comunicaçao com a comunidade de Maturacá.

A expediçao experimental MYKA, que vamos relatar a seguir, foi realizada em janeiro de 2019 e seguiu as especificaçoes do projeto Yaripo no que diz respeito a infraestrutura e roteiro, e serve de experiência e inspiraçao para futuros aventureiros que visitarem o parque após a abertura.

O bacana é que a expediçao culminou com a primeira decolagem de parapente

e linha de slackline na montanha mais alta do Brasil, porém estas atividades foram realizadas em caráter de experiência e ainda não fazem parte do projeto.

A expediçao foi formada por sete membros: os paulistas Myka e Montoya (eu), montanhistas e pilotos de parapente. Três Yanomami: o guia Beto "Gol" e os portadores Francisco e Amâncio; e dois moradores de São Gabriel da Cachoeira: Branco "Shock", o cozinheiro e logística e Hamyla, enfermeira das comunidades indígenas, de etnia Baré.

A expediçao ao Pico da Neblina, ou Yaripo, nos moldes do projeto seguem um roteiro mais ou menos padrão:

Dia1 - de São Gabriel da Cachoeira-AM para Aldeia de Maturacá, em veículos 4x4 e voadeiras.

Dia2- de Maturacá até Foz do Tucano, em voadeiras. Ponto onde se deixa o barco e inicia a caminhada

Dias 3, 4 e 5- Caminhada na mata amazônica, partindo de 100m para 2.000, chegando ao acampamento base no platô.

Dia 6 - Ataque ao Cume e retorno ao acampamento base

Dia 7, 8 e 9 - Caminhada de volta a Foz do Tucano para pegar a voadeira e chegar em Maturacá

Dia 10 - Retorno de Maturacá para São Gabriel da Cachoeira.

A Expediçao Myka foi um pouco diferente pois previa duas noites no cume da para aumentar as chances de encontrar tempo bom para o voo de parapente.

Dia a dia da expediçao

Os acampamentos na floresta amazônica são compostos por estacas de madeira onde se armam redes e uma jirau, armaçao simples de madeira amarrada com cipós ou

cordas onde se prende uma lona como telhado de duas águas por cima das redes, como uma casa sem paredes.

A caminhada leva de 6h a 8h por dia para cumprir entre 11km e 13km. O ambiente é bastante úmido e quente, relativamente poucos insetos. O chão é composto por folhas acumuladas por cima de raízes. Há pouco sol por conta das grandes árvores. Se esperava muita chuva, mas ela apareceu mais a noite.

Cozinha-se com fogueiras ou com fogareiros uma vez ao dia, antes do anoitecer. O cardápio da expediçao Myka, a cargo do cozinheiro Branco "Shock", contou com feijão, arroz, charque, linguiça e, claro, farinha e um refresco. O banho é nos igarapés, as vezes em pocinhos maiores, as vezes com ajuda de canecas. Quase todos os acampamentos têm espaço suficiente para armar barracas (caso não se queira dormir nas redes).

O cenário muda quando se chega ao platô, a temperatura cai bastante, as árvores ficam bem menores, caminha-se sobre pedras e lama funda e mole com muitas bromélias. Diferente dos campos de altitude da Serra da Mantiqueira, o platô tem muita umidade proveniente da floresta amazônica e conta com palmeiras e árvores.

O acampamento base do fica no platô, a aproximadamente 2.100 de altitude, a oeste do Pico da Neblina, já bem perto da rota de ataque final ao cume. O acampamento base não tem espaço para barracas, apenas para redes, e foi posicionado para que os turistas possam sair dali, atacar o cume sem peso e voltar no mesmo dia.

O ataque ao cume é uma longa jornada partindo dos 2.100m até os 2993m, passando por campos de bromélia, charcos e trechos de escalaminhada. Montanhistas da região sudeste instalaram degraus nos pontos de maior exposiçao onde antes haviam cordas. O trecho entre o campo base e o cume pode ser vencido entre 3h a 5h, dependendo do peso.

O cume comporte 2 a 4 barracas, é relativamente amplo e abaulado, de modo que não se sente exposiçao. A leste do cume está a floresta amazônica e a oeste o platô, a face leste é bastante vertical, com um desnível assustador já que a floresta está a uma altitude média de 100m e o cume a 2994m.

A decolagem de parapente aconteceu exatamente sobre a face leste, direto sobre o vazio acima floresta amazônica, para realizar um voo de aproximadamente 15min contornando a montanha pelo sul e pousando no platô, a oeste do cume,

próximo ao acampamento base. Esta rota foi escolhida porque não há clareiras para pouso na floresta amazônica.

O pouso no foi sobre um campo de bromélias, próximo a Bacia do Gelo, a 2.000m de altitude. Os portadores Yanomami que estavam no acampamento base foram ao encontro do piloto Leandro "Montoya". O voo aconteceu no dia 09 de janeiro de 2019 com decolagem aproximadamente as 6h40.

O voo poderia não ter acontecido por um descuido. A noite que antecedeu o voo foi muito fria e com bastante vento. Montoya usou seu parapente sobre o saco de dormir para se aquecer dentro da barraca e, sem perceber, embaraçou muito as linhas.

A manhã seguinte apresentou vento fraco e poucas nuvens, uma situaçao rara e ideal para o voo livre, a decolagem precisava acontecer o mais rápido possível antes que as nuvens voltassem a cobrir o cume ou o vento ficasse mais forte, o que pode acontecer em poucos minutos. O problema é que desembaraçar as linhas do parapente leva tempo, especialmente no cume da montanha com pouco espaço, vento e vegetaçao com enrosco.

Foi então que Myka ofereceu seu próprio parapente para o Montoya, um grande ato de altruísmo ali mesmo, sob a bandeira mais alta do Brasil. Montoya voou com o equipamento do parceiro. Minutos depois o cume foi tomado pelas nuvens.

Myka, por sua vez, montou a mais alta linha de slackline nas pedras do cume, batendo o recorde dessa modalidade. A linha foi montada laçando as rochas do cume, sem instalaçao de base ou qualquer intervençao.

Após muita comemoraçao pelos dois feitos, a expediçao retornou sem surpresas a São Gabriel da Cachoeira, passando pela aldeia de Maturacá.

Uma viagem ao Yaripo é muito mais que subir a montanha: é passar alguns dias na floresta amazônica, lado a lado aos legítimos donos daquela terra, uma vivência real com a cultura Yanomami com uma pitada de escalaminhada em rocha no dia de ataque ao cume. A maior montanha de nosso país está no seio da maior floresta do mundo e muito bem guardada no coração dos homens (e mulheres) que vivem ali há séculos.

Para saber mais, inclusive custos, confira o plano de visitaçao ao Yaripo disponível em:

http://www.icmbio.gov.br/porta/images/stories/biodiversidade/plano_de_visitaçao_parna_pico_da_neblina.pdf



OS PARQUES DO ESPINHAÇO (XII): O SERTÃO

"Vou lhe falar. Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe."

"O sertão está em toda a parte."

"Sertanejo, mire veja: o sertão é uma espera enorme."

"O sertão não chama ninguém às claras; mas, porém, se esconde e acena."

João Guimarães Rosa

O calcário não será mais do que uma lembrança, nesse mundo de arenito em que se inserem as três reservas deste artigo. São áreas grandes, em extensões planas, atravessadas por uma crista aguda, por cênicas veredas, por rios caudalosos e por um enorme cânion.

Alberto Ortenblad | SP



PE Serra das Araras, MG.

Serra das Araras

Há cerca de quatro décadas, um projeto de assentamento atraiu gaúchos para terras remotas no noroeste mineiro, antes colonizadas por vaqueiros e bandeirantes. Eles fundaram então a Vila dos Gaúchos que, com um plebiscito quase vinte anos depois, teve o nome mudado para Chapada Gaúcha. Logo a seguir, denúncias de desmatamentos ilegais na Serra das Araras fomentaram um movimento de preservação, para lá criar um Parque Estadual.

Mais uma vez em 1998, foi fundado o Parque Estadual da Serra das Araras, oficialmente com 11.140 ha mas na realidade com cerca de 15.000 há segundo o gestor Cícero de Barros, numa região atravessada por serras e chapadas. Seu nome decorre por ser local de reprodução de araras vermelhas e canindê. Mas sua vegetação rica em frutos serve de refúgio para muitas outras aves.

A PESA tem um visual radical, com paredões fraturados em arenito avermelhado nas bordas das chapadas,

que fornecem abrigo para as aves. Apresenta veredas, cerrados e matas ciliares. Esse ambiente hospitaleiro e variado acolhe uma fauna expressiva, com animais de médio porte, pequenos mamíferos e muitos pássaros. O clima tropical e úmido permite grandes variações de temperatura entre as estações.

É um Parque ainda sem estrutura adequada e praticamente sem visitação. Você pode chegar até lá por longos caminhos em terra, seja por Januária (135 km) ou por São Francisco (120 km), neste último caso cruzando o rio por balsa. Verifique seu combustível e desista de seu celular.

Como parti de Januária, atravessei a gigantesca APA de Pandeiros, da qual falarei depois da atual série sobre o Espinhaço. Integrada com a APA do Cochá-Gibão, alcança inacreditáveis 700 mil ha de um interminável cerrado árido e degradado. O Pandeiros é um afluente do São Francisco e o Cochá e o Gibão, do Carinhanha. Aqui felizmente os rios são caudalosos, apesar de terem hoje sempre menos volume do que no passado.

O Parque fica próximo ao vilarejo de Serra das Araras, um pequeno distrito 45 km antes da sede do município, sempre por terra. Ele não é cercado e seus limites são invadidos por posseiros, que criam gado, extraem madeira e causam incêndios no seu interior. Você já deve estar cansado de comentários como este, mas a culpa não é minha e sim dos órgãos públicos que pouco se interessam em proteger nossa natureza.

É possível percorrer algumas trilhas, com extensão de até 5 km, que permitem subir na serra, avistar paisagens do alto, atravessar algumas veredas e entrar no rio. A serra é frontal e próxima ao vilarejo. Este é um território do arenito, não mais do calcário – este terminou em Pandeiros às margens do Rio Pardo, um afluente do São Francisco (que não deve ser confundido com o curso de mesmo nome que é muito maior e corre para o mar). A subida da serra é por uma aresta estreita e desagregável, que pode ser escalada por aqueles com familiaridade com montanhas, mas que me pareceu criminoso para o público em

geral e para a integridade da serra. É uma ascensão de quase 250 m, que chega ao platô a 855m de altitude, onde há uma simpática capelinha com uma cruz.

Para mim, todo cume deveria ter um cruzeiro como este. É muito bonito contemplar lá de cima os altos chapadões numa direção e a longa vereda do Rio Catarina logo à frente – um afluente seu, o Arara Vermelha, forma uma delicada cachoeira a 15 km da vila. Em resumo, um Parque interessante, que poderia ser melhor explorado.

Reserva do Acari

O Acari é um pequeno tributário do São Francisco, com menos de 100 km. À sua volta foi estabelecida uma RDS com 60.000 ha. Resultou de uma agressão à natureza quando uma empresa reforestadora adquiriu toda a gleba onde está assentada a reserva e começou a retirada do cerrado com uso de correntes. Isto gerou um movimento de preservação -entretanto, não resultou na retirada dos atuais fazendeiros de gado.

Existem seis dezenas de veredas neste local privilegiado. A região é plana, a talvez 600m de altitude. Nele percorri apenas 18 km em dois dias e não pude chegar à foz do Acari. Ele é cortado pelos elegantes buritis, que se associam nas veredas a outras vegetações de gramíneas, pindaíbas e paus doce, bem como a arbustos de murici e de folhas de fogo.

As raízes do buriti, diferentemente das outras palmeiras, não são verticais e sim rasas e esponjosas, retendo a água à sua volta, mesmo na estação seca. Além disso, ele tem a qualidade de acolher outras vegetações à sua volta. Suas fibras resistentes têm uso variado, como coberturas, móveis e remos. De sua seiva se produz uma aguardente e de sua polpa, um doce muito apreciado. Não surpreende que seja chamado de árvore da vida.

Na vila, você poderá conhecer a capela de Santo Antônio, objeto de uma concorrida peregrinação centenária no inverno. Essa região passou por grandes conflitos de terra, marcados pela opressão dos coronéis e pela pobre-

za do povo. Foi aqui que o justiceiro e foragido Antônio Dó durante anos comandou a região, como Guimarães Rosa nos lembra em sua obra.

Existem também quilombolas enfiados no cânion do Rio Pardo, que abriga alguns inacessíveis criadouros de araras. Por aqui passará a Caminhada do Sertão, percurso de 170 km realizado todo inverno em homenagem a Guimarães Rosa. Ela começa em Sagarana e termina em Chapada Gaúcha. Pois este cânion contém as comunidades de Buracos e Buraquinhos, banhadas pelo ainda jovem e raso Rio Pardo. Você pode caminhar 7 km entre elas, cruzando a vau várias vezes o rio. É uma região surpreendente, com paredes abruptas de arenito e um cerrado vigoroso à sua volta.

Buracos está a 18 km de Chapada Gaúcha e Buraquinhos, a 15 km de Barro Vermelho – isso daria ao cânion a extensão de 40 km, o que o faria o maior do país. Na realidade, ele é interrompido no seu meio por cerca de 10 km, quando se transforma num vale. Seu desenho irregular decorreu dos abatimentos provocados pelos afluentes do Rio Pardo, ao escavarem suas passagens.

É uma formação muito bonita quando avistada de cima, mas um tanto estranha ao penetrar nos campos, recoberta por muita vegetação, com paredes definidas porém baixas e irregulares. É uma garganta espaçosa, com ½ km nos trechos mais estreitos. O desnível entre crista e fundo deve ser próximo de 150m.

Projeto de integração

Existe a intenção de integrar a serra às veredas, criando então um único parque natural com 75 mil ha. Para tal, será necessário indenizar os ocupantes da serra e desalojar a meia dúzia

de grileiros das veredas. Se puder ser bem estruturado, será uma reserva primorosa.

Grande Sertão

Este Parque foi criado para preservar a paisagem dos gerais, longos campos recobertos pela vegetação do cerrado, antes que se transformassem em culturas de soja – que você encontrará em enormes fazendas ao longo dos chapadões da região.

Ocupa a chapada divisora de águas entre o São Francisco e o Tocantins, contendo a bacia do Rio Carinhanha. Este rio nasce em Minas, percorre longitudinalmente a divisa com a Bahia e deságua no São Francisco 450 km depois da nascente. É um curso magnífico, circundado por serras e várzeas, dotado de corredeiras de águas limpas e piscosas.

O PNGSV está no noroeste de Minas, próximo à Bahia, abrangendo quatro municípios, o principal deles sendo Chapada Gaúcha, localizada num chapadão a 900m. A cidade é relativamente recente e ainda tem um certo aspecto de fronteira. É um tanto isolada, seja por sua posição nos limites de Minas, pela população bastante escassa em toda a região ou pela inexistência de boas estradas.

Criado em 1989 e depois expandido, conta com a surpreendente área de 230.850 ha, com um desenho aproximadamente arredondado – Chapada Gaúcha fica a leste, Formoso a oeste, Montalvânia a norte e Arinos a sul. Nem preciso lembrar que estas são vilas pobres e pequenas.

Montalvânia tem uma história única, fundada por um visionário que lutou contra os coronéis de Manga, lá elegeu-se prefeito, fugiu para sua fazenda com todo o acervo da prefeitura, que só

devolveu quando obteve a promessa de um novo município. Antônio Montalvão doou sua fazenda para criar os lotes urbanos da nova cidade, que naturalmente leva o seu nome.

O único acesso asfaltado a Chapada Gaúcha é por Arinos, a 90 km de distância. Mas você pode chegar por São Francisco (135 km) ou Januária (180 km), visitando no caminho a Serra das Araras. Vindo pelo norte, é mais direto passar por Montalvânia e subir o vale do Rio Cochá, num trajeto de 175 km, naturalmente por terra. A única distância pequena são os 3 km que separam a sede do PNGSV da vila de Chapada Gaúcha.

O solo é arenoso e o clima é semi-úmido, permitindo árvores moderadamente altas. São vegetações típicas do cerrado, ocorrendo ainda os carrascos, uma forma de caatinga arbustiva e lenhosa, bem como as veredas de buritis e as matas ciliares. Os animais são variados, incluindo espécies ameaçadas, como o cervo do pantanal, a suçuarana, o tamanduá bandeira e o jacaré coroa. O relevo é plano ou suavemente ondulado, na altitude de talvez 750m. Você pode avistar toda esta região pela torre de observação do Parque.

Você já sabe que uma reserva tão grande como esta não é cercada, sinalizada ou indenizada. E que é invadida por posseiros, pastoreada por bovinos, sujeita à caça ilegal e ameaçada pelo fogo. Não está aberta à visitação, mas pode ser percorrida mediante licença prévia e uso de guia, sem pernoite em seu interior. No meu caso, conheci as reservas deste artigo com o apoio de Elson Barbosa dos Santos – sua incrível memória o fez recitar com graça páginas inteiras de Guimarães Rosa.

Contém meia centena de veredas

21 ANOS DEDICADOS À AVENTURA AGORA COM UM NOVO ENDEREÇO!



LOJA 1
(11) 3562-1801
☎ (11) 94284-6395
Rua Apeninos, 803 - Paraíso

LOJA 2
(11) 3879-6800 | Ramal 3
☎ (11) 94354-2641
Rua Venâncio Aires, 31 - Vila Pompéia

www.penatrilha.com.br



muito bonitas na bacia do Rio Preto, das quais conheci a Extrema, a Onça, a Capim de Cheiro e a Santa Rita. Foi muito bacana enxergar estas últimas do alto do Morro Três Irmãos (850m), numa agradável caminhada de 12 km. O Parque também possui cachoeiras, como a do Mato Grande e do Gavião. Mas apenas o lado mineiro é visitável, com Plano de Manejo aprovado. O Parque prossegue na Bahia, na margem oposta do Carinhanha. Este território, que não parece ter sido ainda mapeado em detalhe, contém 2/3 da área total e uma sucessão de veredas ao longo do Rio Itaguari. Que novas atrações não poderão lá ser encontradas? Talvez o ICMBio se mobilize para nos abrir mais este vasto território, como novos rios, chapadas, cachoeiras e veredas.

Próximos capítulos

Nos capítulos seguintes desta série, você voltará a encontrar o Espinhaço em dois parques vizinhos, o primeiro numa região com uma história e uma natureza peculiares, e o segundo, com uma campina que lembra o Cipó, junto a uma serra maravilhosa. Alberto Ortenblad, São Paulo ortenblad@terra.com.br

GENUINAMENTE
ARTESANAL
 PRODUZIDA NO VALE DOS
SERRANOS
SÃO BENTO DO SAPUCAÍ

BLACK IPA - PRIMEIRA NO BRASIL | 5,3% ABV | 40 IBU
 BLONDE ALE - RECEITA BELGA | 6,3 ABV | 15 IBU
 RED ALE - LEVE E SUAVE | 4,0 ABV | 17 IBU
 WITBIER - TRIGO E ESPECIARIAS | 6,5 ABV | 11 IBU



LOJA DE FÁBRICA:
 ESTR. SERRANOS, KM2
 SÃO BENTO SAPUCAÍ
 (12) 3971.1470



EQUINOX  **MOCHILA DE ESCALADOR**

PROJETADAS POR ESCALADORES
 DURABILIDADE SUPERIOR



KIHÚ 2.0



SÍNTESE 2.0



GRANDE LESTE 2.0

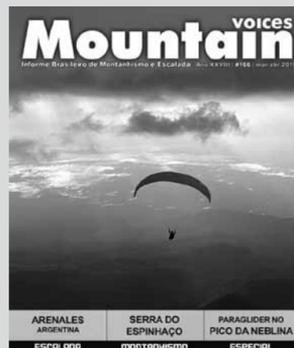
MODULARIDADE E POLIVALÊNCIA
 MENOR PESO EM SUAS CATEGORIAS

CARACTERÍSTICAS: SÓ O QUE FUNCIONA!
 MELHOR CUSTO-BENEFÍCIO



Assine Mountain Voices e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a prática deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de guia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.
 Editor: Eliseu Frechou
 Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí - SP, cep 12490-000.
 E-mail: contato@montanhismus.com.br
 Web site: www.mountainvoices.com.br
 Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, críticas e apoio.



Capa: Decolagem de Leandro Estevam "Montoya do Pico da Neblina, AM.."

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/01/2018.

Nome.....
 Endereço.....
 Cidade..... Estado.....
 CEP..... Telefone.(.....).....
 E-mail.....
 Idade..... Profissão.....

Como conheceu Mountain Voices?.....
 Já participou de: () Campeonato () Encontro () Palestra
 Que modalidade pratica com mais assiduidade: () Caminhada
 () Escalada tradicional () Escalada esportiva () Boulder

- () Assinatura Mountain Voices - R\$ 30,00
- () Renovação assinatura - R\$ 20,00
- () Assinatura 2 anos - R\$ 40,00
- () Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar
- () Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 25,00
- () Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 25,00

166

Total00

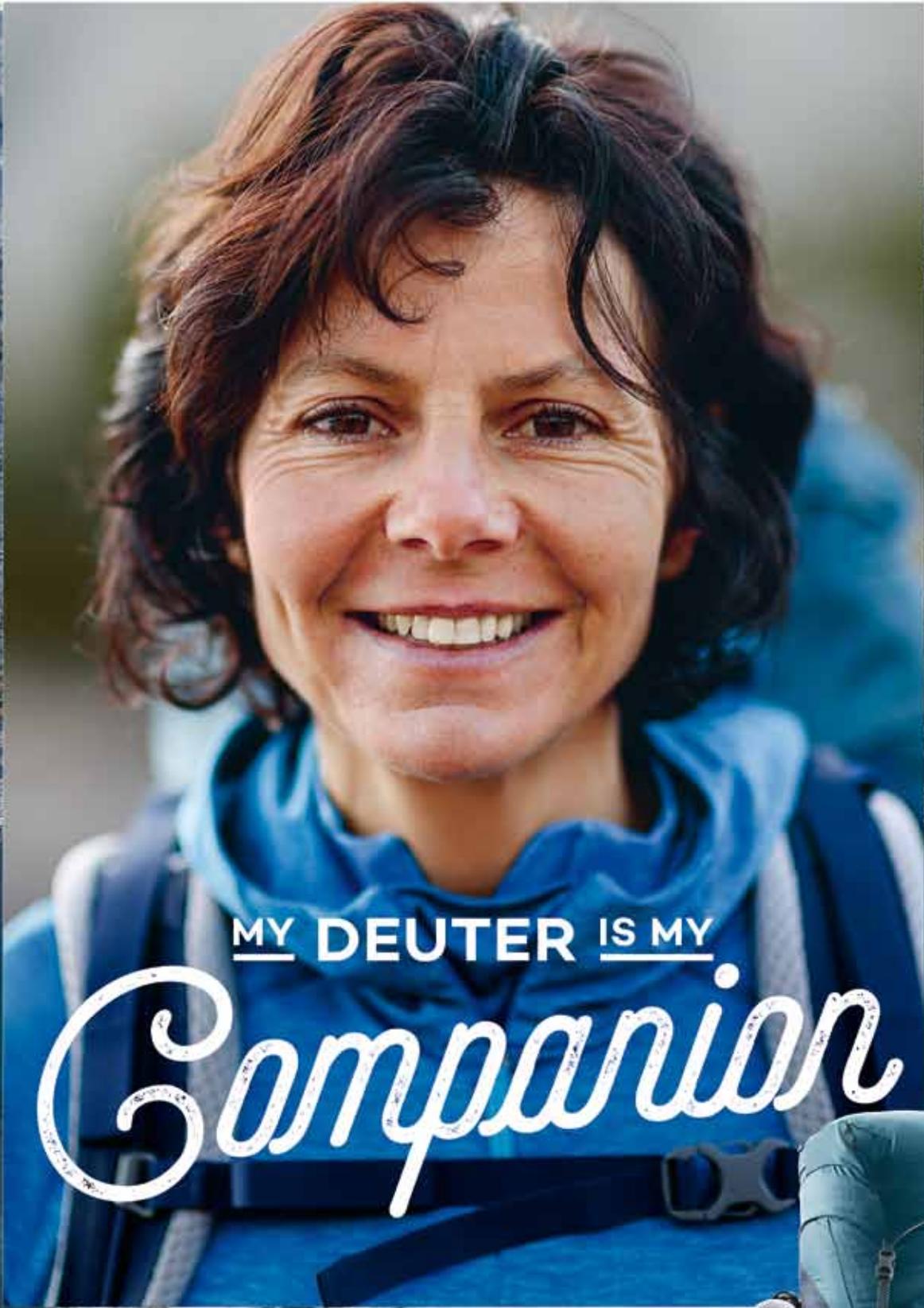
TENAYA

+ CONFORTO
 + PERFORMANCE
 + SOLADO VIBRAM

TANTA MASAI OASI

ENCONTRE O MODELO IDEAL PARA VOCÊ.

SBIOUTDOOR.COM.BR



MY DEUTER IS MY

Companion



deuter.com.br